

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo

Curso de Artes Visuais
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



***Näifs, Ingênuos, Bruts e
Primitivos:
Espontaneidade e
Vernacularidade na Arte
Moderna e na
Contemporaneidade***

Manifestações espontâneas na Arte Visual talvez só tenham ocorrido mesmo enquanto o ser humano não fazia parte de civilizações consolidadas, ou seja, durante o período no qual as relações sociais ainda eram muito primárias era possível que as manifestações artísticas também fossem mais livres.

Aos poucos e à medida em que a cultura foi se instaurando esta espontaneidade foi se perdendo. As manifestações artísticas deixaram de ser algo "Natural" e passaram a ser algo "Pensado" buscando um fim que não era apenas a própria expressão.

A ideia de que a Arte Visual poderia evitar a "contaminação" provocada pela "Erudição" gerada pela cultura acabou sendo um dos temas da Arte Moderna. Ainda no contexto do Século XIX, a presença de Henry Rousseau no contexto da vanguarda instaurada a partir do Impressionismo desvia a proposição técnica para o caminho da espontaneidade.

Obviamente a crítica, que já era adversa às proposições Modernistas, não poupou esforços para denegrir ainda mais as atitudes destes artistas que insistiam em não "seguir as regras" da boa pintura, anteriormente ditadas pela concepção clássica e hegemônica. Ingênuos ou bobos eram as palavras mais adequadas para qualificá-los.

Por outro lado, estes artistas que, ao insistirem em seus projetos pessoais, definiam proposições estéticas que discordavam ou se opunham ao modelo vigente e abriam caminhos para novas concepções artísticas que encontrariam ressonância na contemporaneidade.

Quando os artistas que surgiram a partir do chamado Pós-Impressionismo admitiram novas estratégias discursivas, provocaram a renovação e a busca pela autonomia estética e propositiva da Arte Visual. É neste sentido que organizamos o olhar para este momento da Arte Visual.

Näifs, Ingênuos, Bruts e Primitivos são termos que vão surgir ao longo do contexto histórico da Modernidade para explicar ou atender à demanda da expressão artística mais espontânea e, quem sabe, mais próxima da Vernacularidade.

O Vernacular diz respeito ao comportamento, uso de recursos ou procedimentos que tem origem espontânea ou menos eruditas e mesmo ancestral.

Há um certo atavismo ao recuperar procedimentos, processos e condutas que foram instaurados ou descobertos em tempos passados, antes do desenvolvimento das formulações técnicas consolidadas ao longo do tempo.

A pintura, embora tenha surgido na pré-história, acrescentou, aos procedimentos originais, apenas novos instrumentos e materiais mas, sua essência, permaneceu a mesma.

Pode-se dizer que os seres humanos da pré-história ao fazerem Arte priorizavam suas necessidades simbólicas e espirituais, já que as questões técnicas ainda não estavam postas. Os artistas se comportavam espontaneamente em busca de suas soluções formais. No contexto da Arte Moderna ou Contemporânea, há duas questões possíveis em relação à este comportamento:

De um lado, assumir esta atitude por convicção, como um projeto estético pessoal; de outro, resultar de uma atitude natural e espontânea típica dos artistas populares ou daqueles com necessidades especiais, como os internos de instituições de saúde mental.

O circuito artístico do século XIX, no contexto acadêmico ou belartístico, só aceitava a participação nos Salões Oficiais, apenas dos artistas integrados às Academias reconhecidas pelo sistema artístico vigente e impedia os demais artistas de participarem deste certame.

O Salão dos Recusados instaurado por Napoleão III, possibilitou a participação de artistas não pertinentes às academias e também daqueles sem formação acadêmica ou técnica e, por consequência, admitiu a presença de novos temas e proposições dos artistas modernos, inclusive a influência etnográfica.

Henry Julien Felix
Rousseau, 1884-1910,
Paris. Também chamado de
Aduaneiro por ser
funcionário da alfândega.
Foi um artista de fim-de-
semana, sem formação
técnica mas criativo.
Considerado “Ingênuo”
pelos seus contemporâneos
pode instaurar um modo de
dizer que abriu o universo
criativo para aqueles que
não tinham formação
específica.

Nas obras de Rousseau, há
elementos fantásticos e
simbólicos na construção de
suas imagens que fogem à
pura ingenuidade passando
por uma reflexão mais
conceitual do que ingênuo.
Como todo artista
desenvolve sua poética
lançando mão dos valores,
conceitos estéticos e
teóricos que têm à sua
disposição para amparar e
justificar sua expressão
artística.



Guerra, 1894.



Cigana dormindo, 1897.



A encantadora de
serpente, 1907



Selva, 1910

Chamadas de "japaneserias" traz a Arte Oriental para o repertório temático dos artistas desta primeira geração moderna, é o caso de Van Gogh, por exemplo.



"Japanesery", Van Gogh, 18



Cópia feita por Van Gogh em 1887, da obra Chuva na Ponte de Hiroshige.



Van Gogh, retrato de
Père Tanguy, ao fundo
obras de Ukiyo-e.

O Orientalismo entra na moda, seguindo a curiosidade pelo exótico e pelo étnico que vinha se instaurando no contexto da cultura europeia. Neste sentido tanto o orientalismo e o africanismo fazem parte deste modismo.

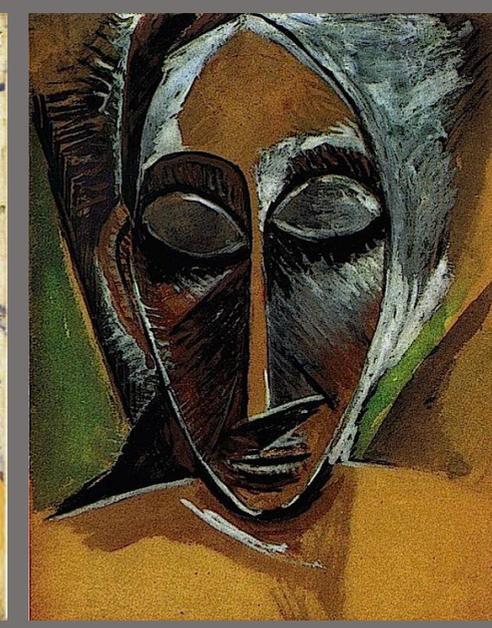
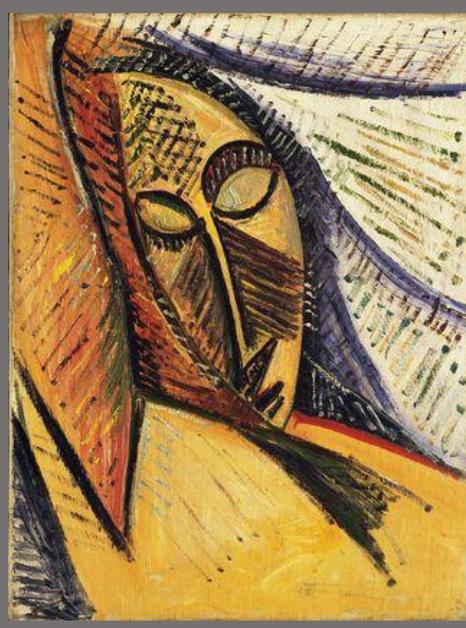
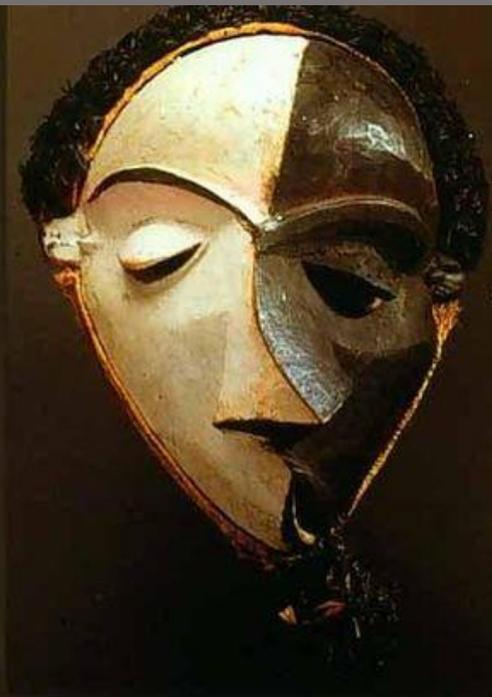
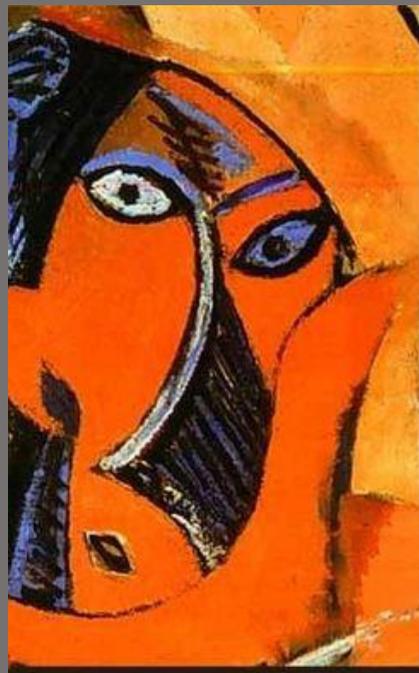
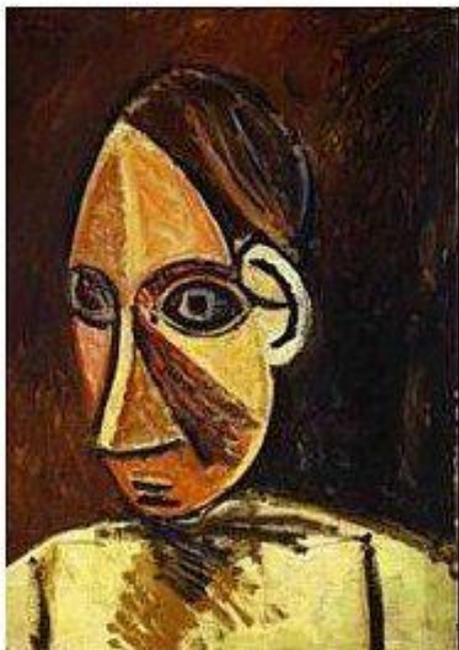
A apropriação de imagens inspiradas ou obtidas das máscaras africanas também são incorporadas às obras de Picasso.

Em *Demoiselles D'Avignon* Picasso incorpora explicitamente nas faces das demoiselles referências às máscaras rituais africanas.





Picasso, Las
Demoselles
D'avignon, 1907.



Admitir a influência de outras culturas no contexto da Arte moderna é um avanço importante para reconhecer a interatividade cultural que a Arte passa a manifestar em suas obras. Além disso, quebra limites e barreiras ao admitir, além da ingenuidade, o étnico, o antropológico como também o popular e o espontâneo. Estas vertentes passam a existir no contexto moderno.

Na década de 40 do século XX, na França, Jean Dubuffet, conhece o livro *Artistry of the Mentally Ill* de Hans Prinzhorn sobre os trabalhos de pessoas com enfermidades mentais, como, por exemplo, os esquizofrênicos e reconhece neles a espontaneidade e expressividade modernas e cunha o termo ***Art Brut*** referindo-se a esta característica.

Vários pacientes de Prinzhorn foram citados no livro e tiveram seus trabalhos expostos. Entre eles:

Karl Brendel

August Klotz

Peter Moog

August Neter

Johann Knüpfer

Viktor Orth

Hermann Beil

Heirich Welz

Joseph SellFraz Pohl

<http://outsiderart.me/category/europe/page/2/>



August
Natterer:
*Witch's
head*, c.
1915,
Prinzhorn
Collection



August
Natterer:
Axle of the
World with
rabbit, 1919.

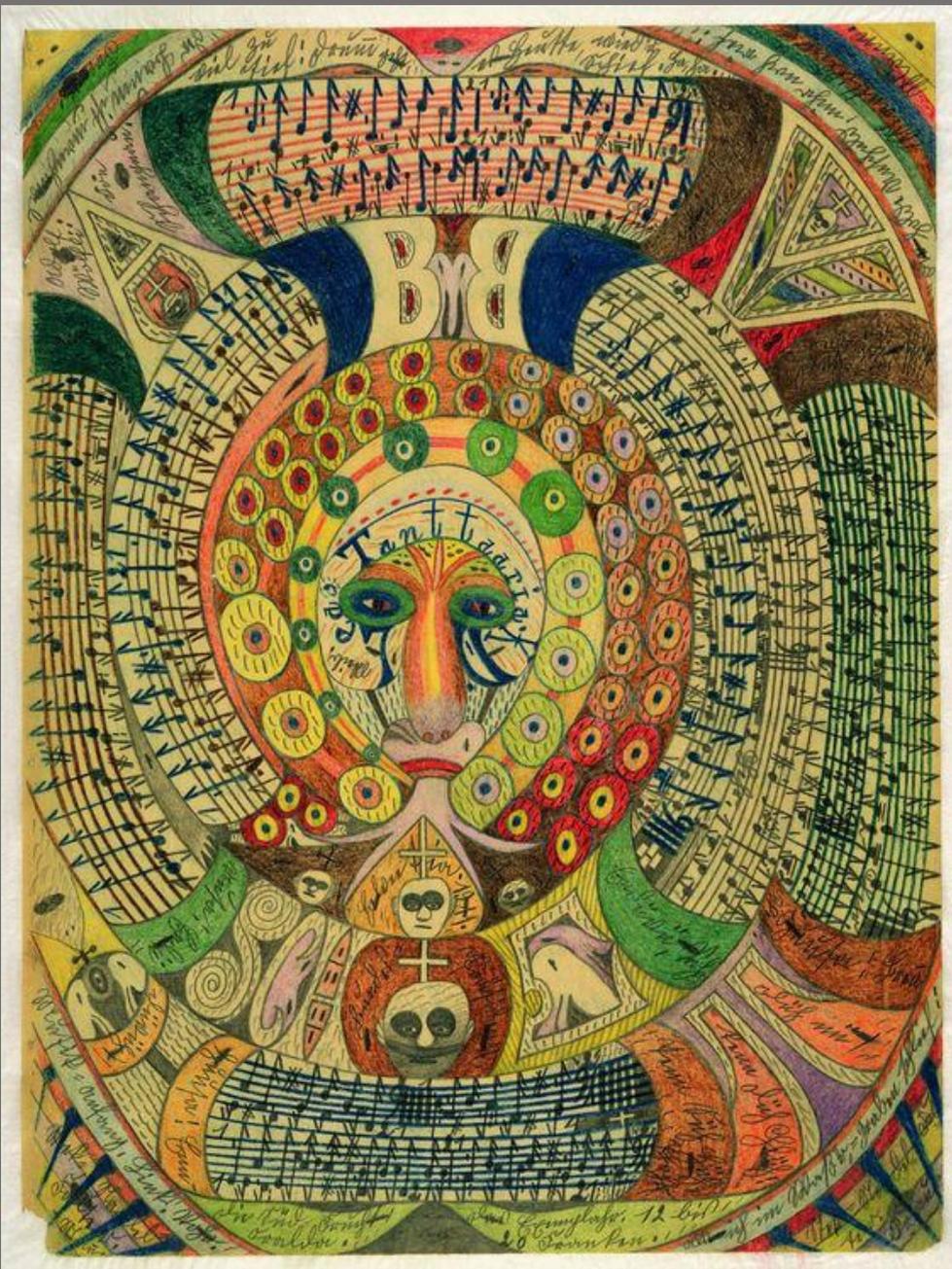


August Kotz.



Peter Moog

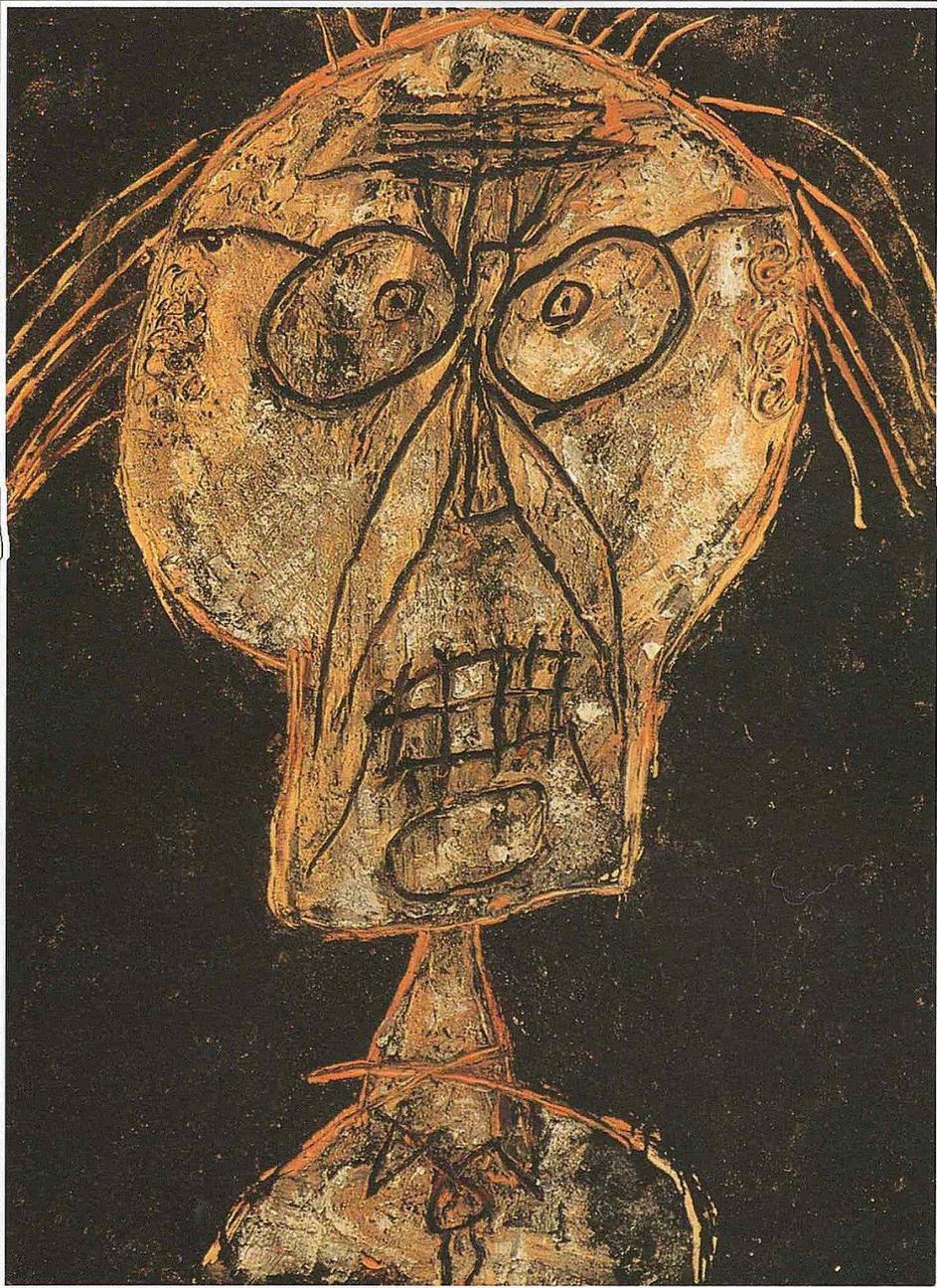
Adolf Wolfly



A constatação de que tais pessoas tinham capacidade expressiva, leva Dubuffet a reconhecer o potencial estético das pessoas com tal perfil e a valorizar tais manifestações.

Aquilo que antes era pouco reconhecido, vem a se constituir uma das vertentes da Arte Visual contemporânea.

O próprio Dubuffet, consciente desta tendência, passa a desenvolver seus trabalhos segundo esta postura e faz da Art Brüt um novo segmento artístico propositivo.



Jean Dubuffet



Jean
Dubuffet



Jean Dubuffet

No Brasil, na década de 40 do século passado, o trabalho de Nize da Silveira junto ao Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro cria a "Seção de Terapêutica Ocupacional e Reabilitação (STOR)", cujo resultado leva à criação, em 1952, do Museu do Imaginário composto pelo conjunto de obras dos pacientes daquela clínica.

Em 1956 funda a Casa das Palmeiras, ambiente voltado exclusivamente aos pacientes com patologias mentais.

Entre eles Adelina Gomes, Carlos Pertuis, Fernando Diniz, Emygdio Barros e Otávio Inácio.

Também chamada de "Arte Virgem". pelo crítico Mário Pedrosa passa a integrar o contexto da Arte nacional.



Adelina Gomes



Carlos
Pertuis



Fernando
Diniz



Emygdio Barros



Otávio Inácio

Atualmente a ***Galerie ART CRU Berlin***, mantém um espaço contínuo de mostras dando oportunidade à pessoas portadoras de necessidades especiais, que desenvolvem trabalhos artísticos em Artes Visuais. Segue os mesmos princípios que motivaram tanto os estudos clínicos de Prinzhorn quanto a postura de Dubuffet.

<http://www.art-cru.de/galerie>

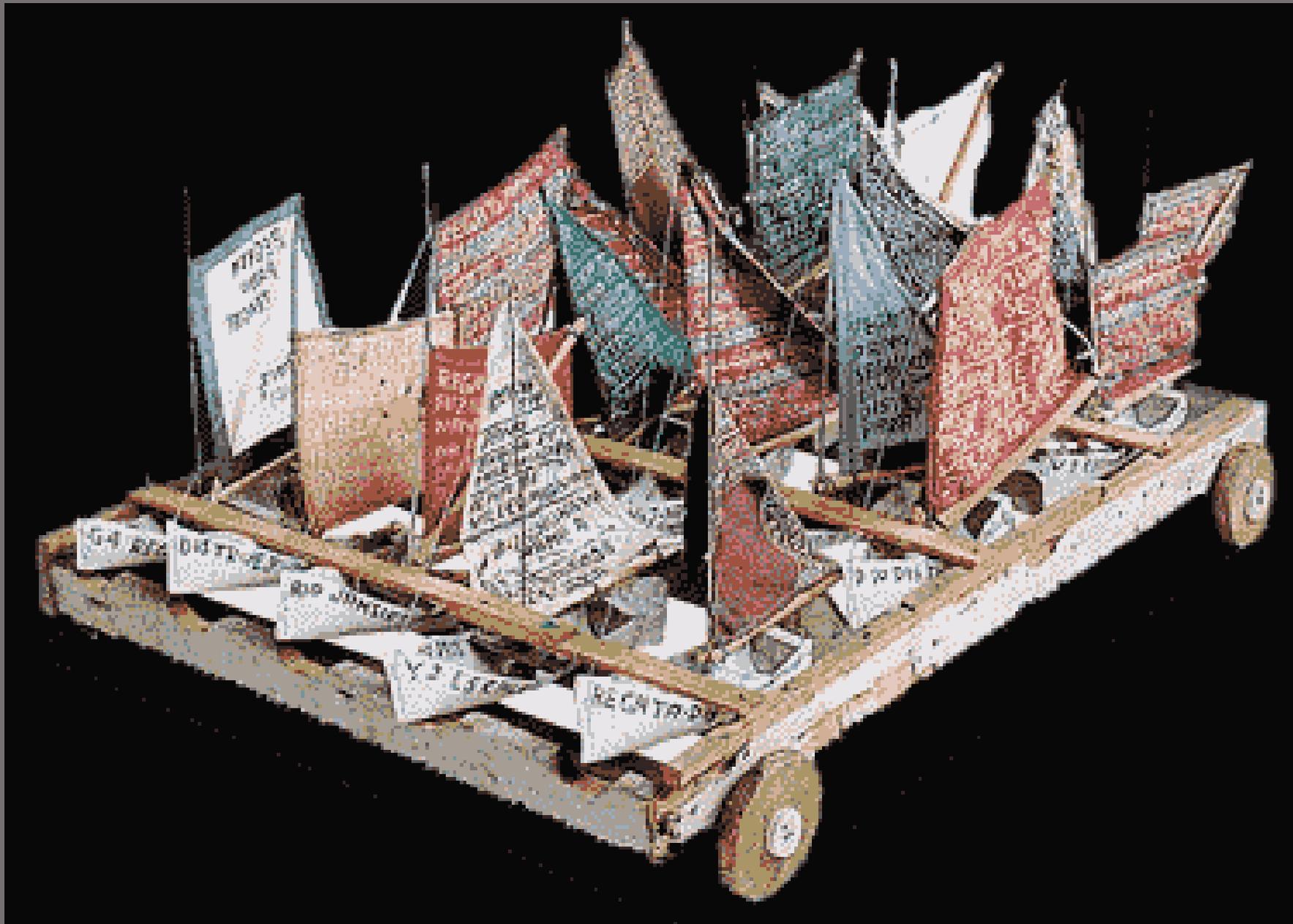
No Brasil, o acervo de Artur Bispo do Rosário, ganha espaço, no Rio de Janeiro, no local onde viveu grande parte de sua vida, no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, antiga Colônia Juliano Moreira. Na 30^a. Bienal de S. Paulo, teve uma sala especial e o devido reconhecimento pela estratégia discursiva e o conjunto de sua obra.

E o grande nome na Art Brüt nacional, internacionalmente reconhecido que é Artur Bispo do Rosário. A riqueza e diversidade de sua obra o transformou num referencial importante para entender o processo criativo de pessoas que, sem as amarras da erudição, cumprem metas estéticas espontâneas e vitais para sua existência e permanência no mundo.





Artur Bispo do Rosário.
Estandarte



Artur Bispo do Rosário,



Artur Bispo do Rosário, Manto.



Artur Bispo do Rosário.

Dentro do espírito destas manifestações outros artistas modernos passaram a desenvolver suas poéticas tomando por referência a espontaneidade infantil, popular ou ingênua como um marco de suas criações. Assim procuram destituir de seu trabalho as marcas da racionalidade incorporando a afetividade e a espontaneidade como referência.

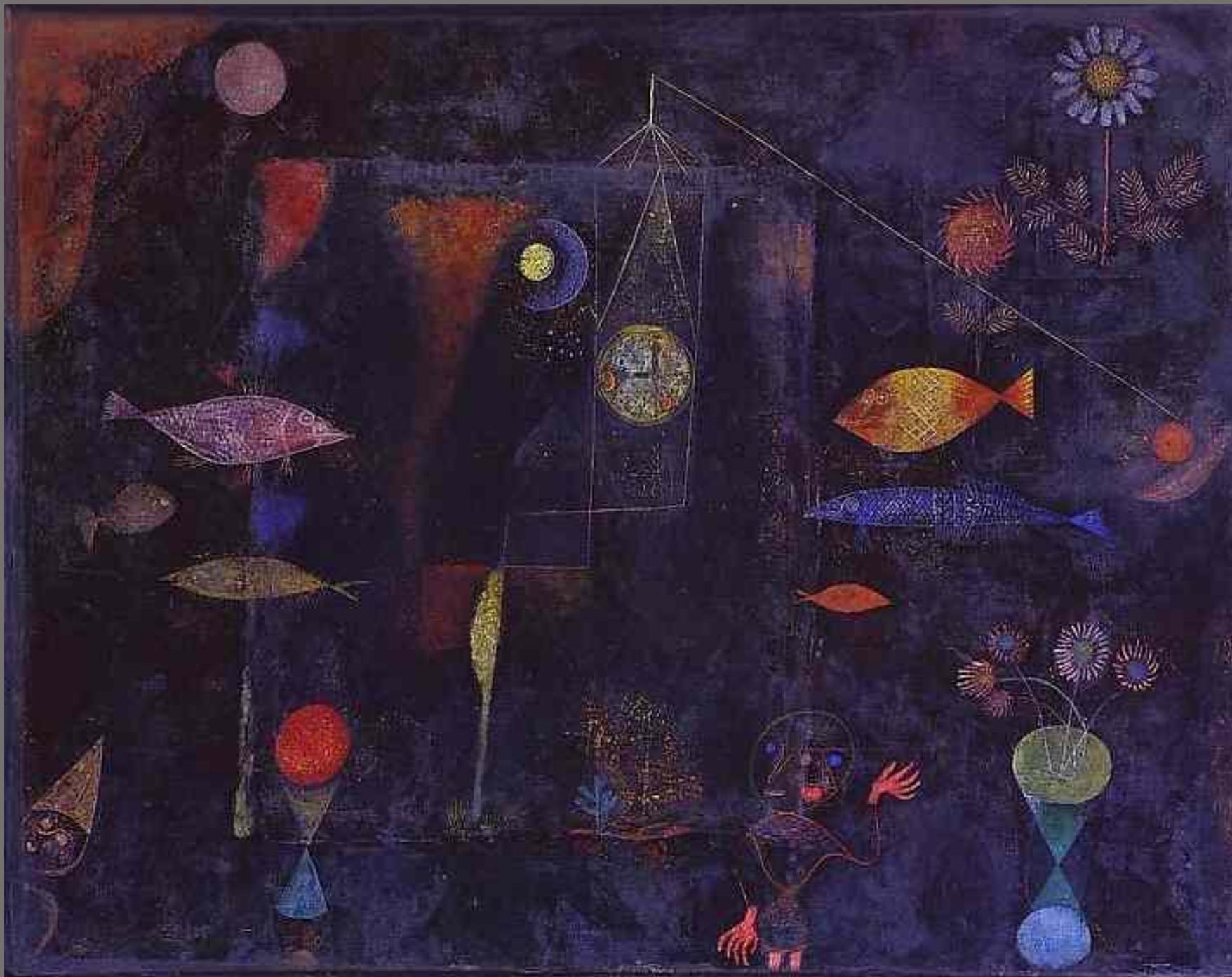
Antes da constatação de Dubuffet, no início do século XX, Paul Klee já instaurava uma proposta espontaneista. Sua obra tem aspecto intimista e valoriza a liberdade e ingenuidade de caráter infantil. Recorre também às obras dos povos primitivos como referenciais para seu trabalho.



Paulo Klee
Angelus Novus, 1920



Paul Klee,
Senecio 2, 1922



Paul Klee,
Fischzauber,
1925



Paul Klee,
Katze und
Vogel,
1928

No contexto do Modernismo brasileiro também tivemos artistas que trilharam o caminho do Ingênuo, quer por proposição ou mesmo por conta das peculiaridades de seu estilo. Tarsila do Amaral optou, num dado momento, especialmente no período do Movimento Pau Brasil, em dar à sua obra um caráter mais popular e nacionalista.



Tarsila do Amaral.



Tarsila do Amaral.



Tarsila do Amaral.

Se olharmos também para outros artistas deste período como, por exemplo, Hector Julio Páride Bernabó apelidado de Caribé ou também Aldemir Martins, Kennedy Bahia, Genaro de Carvalho, entre outros, vamos encontrar traços desta postura.



Caribé



Caribé



Aldemir
Martins



Aldemir Martins



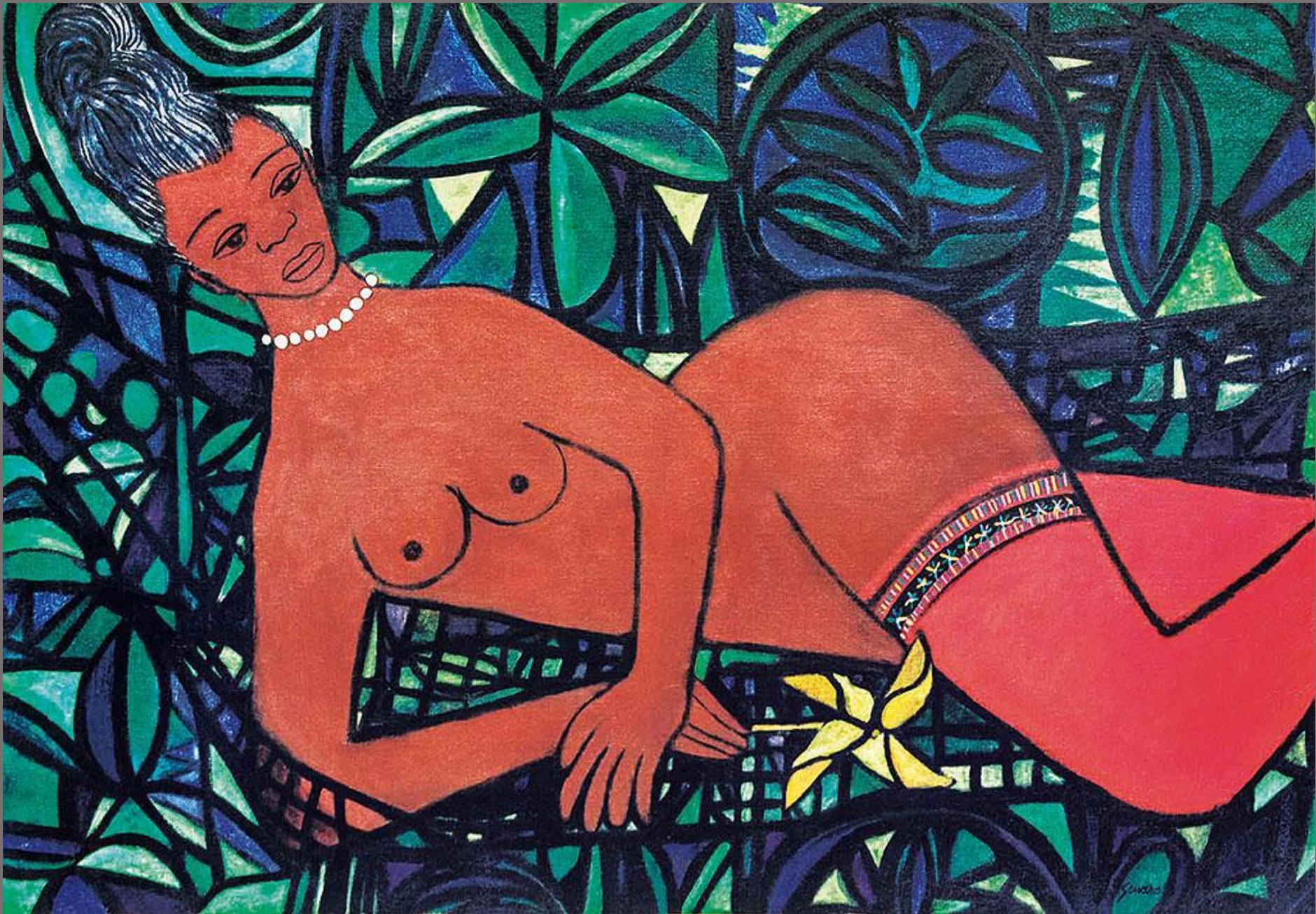
Kennedy Bahia



Kennedy Bahia



Genaro de Carvalho

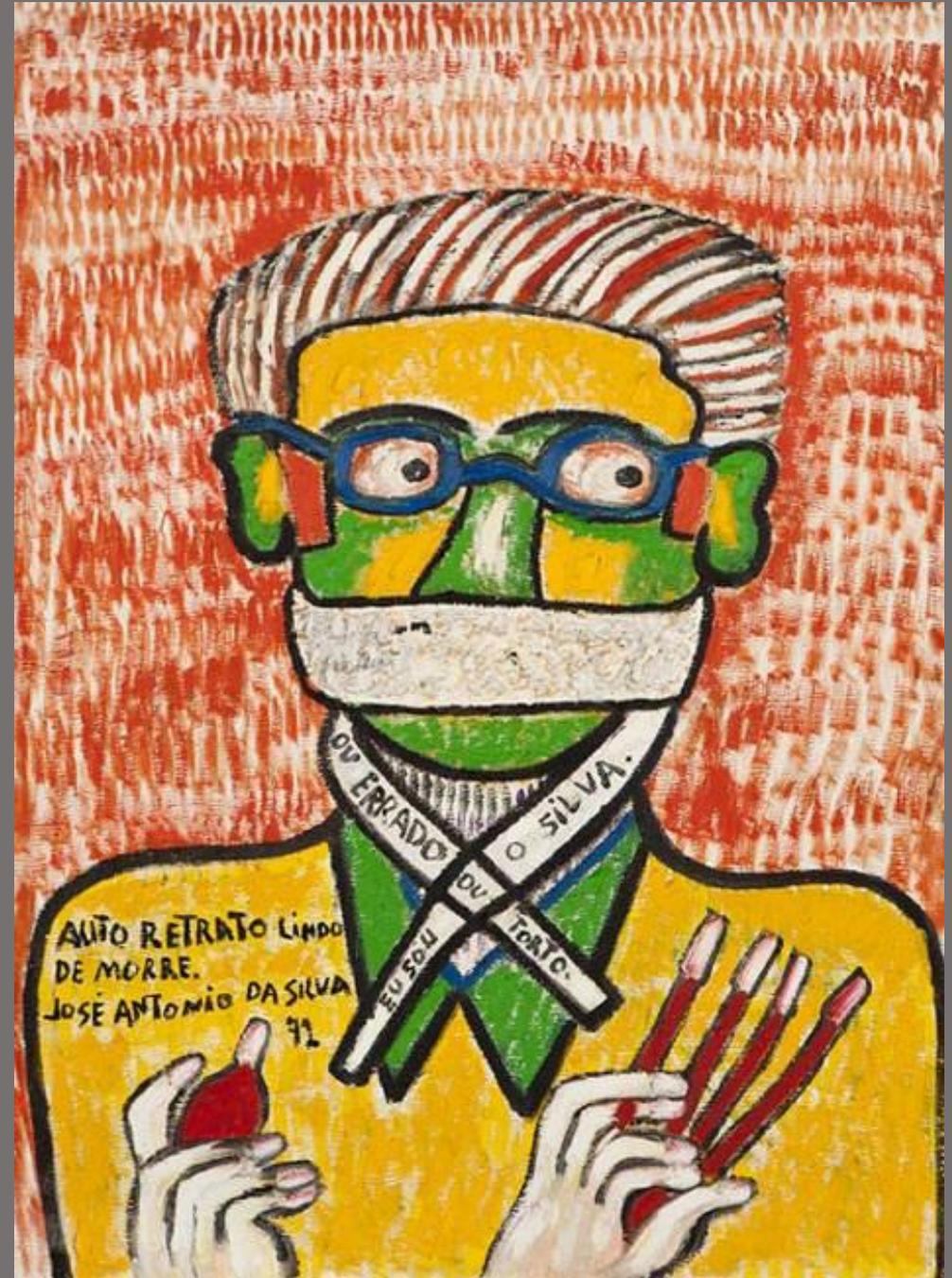


Genaro de Carvalho

Além dos artistas Modernistas, vamos encontrar outros nomes destes artistas Naïfs ou Ingênuos mais voltados à Arte Popular, chamados de "Primitivos".

A Arte Primitiva é um segmento reconhecido pela crítica e pelo mercado.

Um dos mais famosos é José Antonio da Silva, cuja temática aborda o mundo rural e a crítica social.





José Antonio da Silva



José Antonio da Silva

Além de José Antonio, outros artistas são reconhecidos pelo trabalho de inspiração ingênua e espontânea com temática de caráter popular ou folclórico os torna dignos do reconhecimento no sistema de Arte vigente como Heitor dos Prazeres, Djanira Mota e Silva, José Bernardo Cardoso Júnior o Cardosinho, e Vitalino Pereira dos Santos o Mestre Vitalino.

<http://artenaifrio.blogspot.com.br/2012/06/nascido-em-jurupema-sp-em-23071948.html>



Heitor dos Prazeres.



Djanira
Mota e
Silva.



Cardosinho



Mestre Vitalino, é um marco no contexto popular, também chamado folclórico.

Em síntese, é difícil não reconhecer as conexões entre os artistas aqui relacionados, sejam eles de origem erudita ou popular. A Arte não deve ter fronteiras ou segregações, mas ser reconhecida como coisa humana sem dogmas, estilos, escolas, tendências ou preferências, embora o Mercado de Arte possa eleger uns ou outros artistas, umas ou outras tendências como relevantes para seus negócios

A expressão artística, como tal, não depende do Mercado de Arte. O mercado dita as regras para seus negócios independente do caráter, estilo ou importância de um artista ou obra no seu contexto ou no seu tempo. Neste caso, um artista que obtém boa comercialização de suas obras não é necessariamente melhor que outro.

Bibliografia

BURNS, Edward McNall, História da Civilização Ocidental. Editora Globo, São Paulo, 2005.

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Este material é fruto de pesquisa documental e bibliográfica, parte das atividades docentes desenvolvidas na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul na qual atuo como professor no curso de Artes Visuais.

É produzido e editado por mim como Objeto de Aprendizagem, difundido como material de apoio pedagógico às disciplinas nas quais atuo, por meio de publicações no site:

www.artevisualensino.com.br

O acesso ao material é livre e gratuito. Qualquer pessoa ou instituição que sentir prejudicado por este material pode entrar em contato para dirimir qualquer dúvida.